



«The Archive Market» is the subject I have suggested for this workshop for a very simple reason: preserving, making available and retrieving is, in my opinion, the only way for us to survive without the usual constraints of always having to depend on public or private funding.

This is a complex, which can no longer be summed up by saying: this archive is worth millions because it contains these or those images.

Nowadays, we must say that we have the images and that we are able to make them instantly available.

On the other hand, we have to make them available in good conditions in terms of images and sound which implies their retrieval by means of sophisticated equipment.

In order to be able to do all this, we need investments that become impossible to find unless the investors know how they will get their money back.

Starting by evaluating the archive is essential and nowadays there are methods for doing it. Price lists of images in all type of media are then created, keeping in mind that the client always wishes to see and listen to the material before purchasing it.

Price lists of research and viewing.

Databases will also have to be created in order to answer to every copyright-related problem.

I will tell you my personal experience, the RTP experience

12 years ago, we were aware that we possessed a great amount of unpublished material.

A country like Portugal, with wide overseas experience (Azores and Madeira, as well as territories in the Far East - Macau and Timor) and having experienced a democratic revolution - the 25th April - had obviously to possess an important archive.

In 1995, the RTP archive was evaluated by foreign experts as being worth over 52 thousand million escudos. With such high figures, it was possible for RTP to invest in new facilities and equipment.

On the other hand, we have created a unit for the production of programmes for broadcasting and we have launched the first video-home.

Nowadays, it is the company's policy to archive everything that is broadcast in each of our six channels (RTP1, RTP2, RTP International, RTP Africa, Azores and Madeira) and we have entered into agreements with series of broadcasters all over the world. We also sell them our expertise, teaching them how to turn their archives into a source of revenue.

The news agencies, of some of which we are trustees, that is, we have copies of their archives, are important for us as well.

We also have this tendency to buy private collections, provided, of course, that there is no doubt about who owns the rights.

We keep as well a Documentation Centre, a Photographic Archive, an Analysis and Statistics Unit of all the broadcast material and also a Museum.

What will we do next?

Digitalize everything and expand the Research Unit.

Every audio-visual archive is aware of the importance of knowing any copyrights that are involved in every document it owns.

A simple estimate may lead us to the conclusion that a valuable archive today may be worthless tomorrow.

A good copyrights database, commercial or not, is a crucial element for the availability of the images.

In fact, we can only make available something that belongs to us without restrictions.

In a broadcasting organisation, where everybody thinks that he is entitled to use them, this is fundamental issue. And if the question may be quickly solved at domestic level by means of arrangements with the Authors Society in the case of small excerpts, the situation becomes altogether different when international material is involved or when copyrights have gone far beyond the so-called right to information.

Large excerpts always need single contracts simply because there is not a World Authors Society and, even if there was, these contracts would have to state clearly the copyrights and the territories.

In the global village we live today, we must also pay attention to the problems raised by satellites and the number of broadcasts authorised. This issue is specially relevant when it is a question of copyrights connected to sports as well as issues of world interest, whatever their nature.

The issues involving human rights may hide a tremendous trap. What may have seemed a generous action in favour of Human Rights may often end up costing a great deal of money or court problems, sometimes thousands of kilometres away.

ALFREDO TROPA

Mercado de Arquivos é o tema base que propuz para este Workshop, por uma razão muito simples: conservar, tornar disponível e recuperar é, creio eu, a única maneira de sobrevivermos, sem o habitual constrangimento de dependermos sempre dos dinheiros públicos ou privados.

Isto é um problema complexo que já não se resume a dizer: este arquivo vale milhões, porque tem estas ou aquelas imagens.

Nos dias de hoje temos que dizer que temos as imagens e somos capazes de as disponibilizar instantaneamente.

Por outro lado, temos que as disponibilizar em boas condições de imagem e som, o que pressupõe recuperação através de sofisticados equipamentos.

Para conseguir tudo isto são necessários investimentos impossíveis de encontrar, se o investidor não souber como vai recuperar o seu dinheiro.

Começar por avaliar o arquivo é essencial e há hoje formulas de o fazer. Criam-se em seguida listas de preços de imagens, em todos os suportes, sem esquecer que o cliente quer sempre ver e ouvir antes de comprar.

Tabelas de custo das pesquisas e visionamentos.
Terá, também, que haver uma base informática capaz de responder a todos os problemas de direitos de autor.

Vou-vos contar a minha experiência pessoal, a da RTP.

Há 12 anos sabíamos que tínhamos muito material inédito.

Um país como Portugal, com larga experiência atlântica (Açores e Madeira e ligado a territórios no Extremo Oriente - Macau e Timor) e com uma revolução democrática - o 25 de Abril, tinha obviamente um importante arquivo.

Em 1995 o arquivo da RTP, foi avaliado por técnicos - não portugueses - em mais de 52 milhões de contos. Com estes números foi possível ir buscar aos investimentos da Empresa novas instalações e equipamentos.

Por outro lado, criámos uma unidade de produção de programas para broadcast e lançámos os primeiros video-home.

Hoje utilizamos a política de arquivar tudo o que é emitido em cada um dos seis canais que temos (RTP1, RTP2, RTP Internacional, RTP África, Açores e Madeira) e temos contratos com variadíssimas Televisões de todo o Mundo. Aqui, também vendemos o nosso saber, ensinando-os como podem rentabilizar os seus arquivos.

As agências noticiosas, de que de algumas somos depositários, ou seja, temos cópia dos seus arquivos, também são importantes para nós.

Temos, também, a mania de comprar colecções particulares desde que se saiba, com clareza, de quem são os direitos.

Mantemos, ainda, um centro de documentação escrita, um arquivo de fotografia, uma Unidade de Análise e Estatística de todas as emissões e um Museu

O que fazer agora?

Digitalizar tudo e aumentar a Unidade de Investigação.

Todos os arquivos audiovisuais, sabem quanto é importante saber segundo a segundo quaisquer os copyrights que impedem sobre cada documento que possui.

Um raciocínio simples pode levar-nos à conclusão que aquilo que um arquivo vale, e, hoje supomos ser muito, pode não ser nada amanhã.

Uma boa base de dados sobre copyrights, é elemento essencial para a disponibilidade das imagens, seja ela comercial ou não.

Na verdade só pode ser disponibilizado aquilo que nos pertence sem restrições.

Numa estação emissora de televisão, onde toda a gente julga que: por termos direito a usar, a questão é essencial. E se de uma maneira expedita, a questão pode ficar resolvida a nível nacional, com acordos com a Sociedade de Autores, local, para pequenos excertos, o problema já é diferente para o material internacional ou para direitos que ultrapassam em muito o chamado direito à informação.

Largos excertos, necessitam sempre de contratos pontuais, pela simples razão de que não existe uma Sociedade de Autores Mundial e mesmo que existisse os contratos tinham de explicitar os direitos e os territórios.

Na aldeia global que hoje somos temos ainda de ter em atenção os problemas levantados pelos satélites e o número de difusões autorizado. Esta questão põe-se com especial realce para os direitos ligados ao desporto e às questões de interesse mundial, sejam elas de que natureza forem.

Nas questões sobre os direitos humanos, pode ainda estar uma tremenda armadilha. Aquilo que parece ser generoso acto a favor dos Direitos Humanos, pode ter muitas vezes em troca uma pesada factura ou problemas com os tribunais, muitas vezes a milhares de quilómetros.

ALFREDO TRÓPA